

Os desafios da integração regional em meio a uma pandemia e à crise do multilateralismo

Mônica Leite Lessa

Presidente do FoMerco (Fórum Universitário Mercosul), professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Editora convidada do Dossiê Especial FoMerco.

No momento em que o mundo enfrenta uma pandemia que já dizimou mais de 970 mil vidas, e atravessa uma recessão econômica mundial (5,2% de contração) já batizada pelo Fundo Monetário Internacional de ‘O Grande Confinamento’, Antonio Guterres, atual secretário-geral da Organização das Nações Unidas, faz uma declaração tonitruante ao inaugurar as comemorações dos 75 anos da organização: ‘o mundo tem muitos desafios multilaterais e um déficit de soluções multilaterais’. Essa entrada *en force* sobre a atual crise do multilateralismo é também seguida de uma análise/apelo: ‘Ninguém quer um governo mundial, mas temos que trabalhar em conjunto para melhorar a governança mundial.’

Ninguém, com sensatez, vai discordar de Guterres. No mundo globalizado, sem entrarmos na discussão conceitual, reconhecemos a existência de problemas globais. A começar pela pandemia Covid-19. Porém, o tema da crise do multilateralismo remete diretamente às demandas das grandes potências, suas rivalidades e disputas na manutenção de seus interesses e vantagens. Em verdade, o multilateralismo tem se revelado um desafio para a manutenção

da posição hegemônica dos Estados Unidos desde o fim da URSS (1991) e da entrada da China na Organização Mundial do Comércio (2001). Face à agenda política e econômica da China, e sua consequente projeção no sistema mundial, corresponder às novas demandas no mundo supõe uma concepção mais ampla de multilateralismo, que não obstaculize o interesse nacional norte-americano - como assinala o slogan *America First*.

Nesse quadro, os processos de integração regional passam a ser considerados “obsoletos”, “incapazes” de acompanhar as transformações desejadas de uma concepção ampliada de multilateralismo. O processo da saída da Inglaterra da União Européia sendo modular para essa interpretação.

Nesse sentido, a correlação entre os avanços e aprofundamentos dos processos de integração regional e a crise do multilateralismo tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores que, em suas análises, reconhecem essa correlação para explicar os questionamentos sobre o modelo vigente do Mercosul.

Às vésperas de completar três décadas de existência, em março próximo, o Mercosul tem sido mais fortemente atingido pelos reflexos que

os “ventos do Norte” sopram sobre aqueles que apostam na volta do “regionalismo aberto” ou “livre cambista” do Bloco como saída para as crises econômicas, ou de crescimento, que atingiram a região nos últimos 5 anos.

Mas, o Mercosul é mais do que uma ‘união aduaneira incompleta’ ou ‘um mandato da geografia’, como destacou o presidente Alberto Fernandez. Ele faz parte de um ideal de integração regional da América Latina, que faz parte de ‘uma categoria presente no imaginário de superação da colonialidade preservada ao longo dos séculos, sob a perspectiva eurocêntrica da modernidade que se instalou no continente’, como refletiu Aníbal Quijano.

Este *Especial FoMerco* conta com quatro artigos e dois textos de análise sobre diferentes temas relevantes para o Mercosul, entre eles a reflexão do embaixador Celso Amorim sobre o sentido e o futuro da integração regional. Muito apropriadamente, ele destaca a importância do Bloco nos lembrando que o principal já está feito: “a paz e o fortalecimento da região no cenário global.”

Por fim, e para marcar os 70 de existência da Cepal, neste ano, gostaria de registrar, para os nossos jovens alunos, que o “célebre”

conceito “centro-periferia”, formulado pelo primeiro diretor da Cepal, o economista argentino Raul Prebisch, para definir a posição da América Latina na estrutura econômica global, continua válido para entendermos o sentido, e os desafios, da nossa integração regional.